# As circunstâncias da vida - 17/03/2021

\_Uma introdução ao pensamento de Ortega y Gasset a partir do convite de  
Cupani\_[i]  
  
Cupani traz inicialmente o conceito de \_raciovitalismo\_ de Ortega y Gasset,  
segundo o qual a razão, sem prejuízo de sua objetividade, responde às  
necessidades vitais. O homem tem necessidades biológicas, como viver, mas vive  
porque quer, isto é, pela sua subjetividade, por um ato de liberdade. E suas  
atividades são para satisfazer necessidades.  
  
Na natureza, circunstâncias podem levar a que o reportório primitivo de  
satisfação seja suspenso por um segundo reportório de produção. Para obter o  
que não há, o homem projeta. Então, seus atos técnicos são reações contra as  
imposições da natureza, que ele visa reformar gerando uma sobre natureza.  
  
Cupani segue acrescentando que, para Ortega y Gasset, satisfazer-se faz parte  
do reportório biológico dos atos dos animais, mas é pela técnica que se anulam  
as necessidades e quando elas deixam de ser um problema. Ao suprimir a  
necessidade, o homem reduz seu esforço e acaso adaptando o meio a si próprio.  
  
Entretanto, ele produz o supérfluo, pois não quer somente viver, mas viver  
bem. Buscando um viver bem ilimitado, o bem estar se torna a necessidade das  
necessidades e não um suposto progresso que logo, é abandonado por  
circunstâncias, sejam elas possibilidades ou dificuldades.  
  
Para Gasset, o homem busca uma pretensão de ser, um programa de vida que se  
molda nas circunstâncias da natureza e do mundo. Pois bem, como a vida não é  
dada, ela é um constante problema na qual o homem está na situação de técnico.  
Viver não é contemplação, mas produção [que pode exigir uma teoria].  
  
E daí as várias técnicas usadas em cada época ou cultura, guiadas pelo nosso  
desejo de sermos algo. Conforme Cupani, um dos aspectos mais conhecidos da  
\_Meditação\_ , de Ortega y Gasset, é a mudança da técnica que passa da 1.)  
técnica do acaso, para a 2.) técnica do artesão chegando até a 3.) técnica do  
técnico.  
  
1.) Primórdios e povos primitivos: baseada em técnicas escassas. O ser humano  
não sabe que pode inventar e produz coisas por acaso, diversão, etc. Ele não  
se sente como homo faber.  
  
2.) Grécia, Roma e Idade Média: aumenta repertório técnico, mas sua perda não  
é perda de sobrevivência, ou seja, não há crises técnicas. A técnica não é  
vista como pertencente ao animal, mas não passa de um dote. É a atividade dos  
artesãos, a techne grega que não visa uma invenção pois se volta para a  
tradição e apresenta lentas melhorias. Ressalta-se que o homem produz  
instrumentos, não máquinas  
  
 3.) Século XX: técnica já se apresenta como algo não natural, mas uma  
peculiaridade do homem que vai além do animal. De ilimitada, chega a ser  
antitética pois para lá do que imagina nossa consciência. Chega-se ao império  
das máquinas, da manipulação passa-se à fabricação e o homem relegado a um  
papel secundário.  
  
Se, antes, o técnico estava preso a uma finalidade proposta, aqui o engenheiro  
já tem consciência que pode inventar. Na ciência moderna a ciência física  
nasce da técnica, da análise racional que propicia uma nova experiência das  
coisas. Mas, em caso de perda, é mais difícil recuperar. E, por todo poder que  
pode alcançar, ela ameaça.  
  
Contudo, se é o tempo da fé na técnica, também é o tempo que vida se torna  
vazia pois, de tão formal, perde o conteúdo. E, assim, a plenitude tecnológica  
pode levar ao vazio existencial.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme Cupani, Alberto. \_Filosofia da tecnologia: um convite\_. 3. ed. -  
Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. Capítulo 2: \_Estudos Clássicos: Ortega y  
Gasset\_. Baseado na curta obra \_Meditação\_ , segundo Cupani.